

ECUUS DO IBATÉ

INFORMATIVO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ - SÃO ROQUE - SP



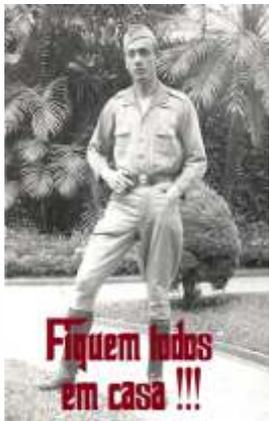
Nº167 - ANO XXVIII - MAIO/JUNHO - 2020

Ut omnes unum sint

Esperança sempre!



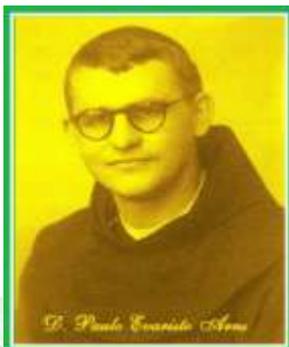
Padre Cido Pereira*
(Ibateano de 1959-1964)



Cá estou, um ibateano, 76 anos de idade, pensando nos meus irmãos ibateanos, alguns um pouquinho mais novos, outros beirando ou ultrapassando de muito esta idade. Cá estou eu, padre há 49 anos, fechado em minha casa, sem poder reunir o povo que Deus me confiou para santificar, ensinar e conduzir. Cá estou eu pensando em como meus irmãos do Seminário do Ibaté estão vivendo esta pandemia. Entre os muitos mestres que eu tive, sempre me vem a memória um

homem que misturou bondade, bom humor e sabedoria, o inesquecível padre Ruy Amaral de Mello. Certa vez, eu fui com ele visitar um casal de velhinhos lá para os lados do Saboó. Sozinhos, numa tapera no meio do mato, os dois nos acolheram com carinho. E o padre Ruy, em seu jeito acolhedor, dialogou com aqueles dois como se fossem seus pais. O casal então nos disse que, já que eles não tinham nada para nos oferecer, iria fazer um chazinho de horta. Bebemos aquele chá em canecas feitas de lata de massa de tomate. O padre Ruy dava grandes goladas elogiando aquele chá que, para mim, era intragável. Despedimo-nos e voltamos ao seminário. No caminho, padre Ruy virou-se para mim e disse: "Aparecido, que chazinho ruim, não é mesmo?" E eu lhe disse: "Mas padre Ruy, o senhor bebeu duas xícaras e ainda elogiou. E ele: "Mas você viu como eles ficaram felizes?"

Lembrei-me dessa passagem, para dizer a vocês uma coisa.



Nosso povo brasileiro sofre demais. Sofre do abandono de nossos governos, incapazes de pensar em políticas públicas que diminuam seus problemas de saúde, de trabalho, de educação, de moradia. Sofre com as desigualdades sociais. Falta-lhe o respeito de seus governantes, falta-lhe a compaixão. Falta-lhe o colo, o carinho, a ternura. É o que eu penso, quando estou vendo aqui, o Brasil alcançando os primeiros lugares no



número dos infectados pela pandemia. É o que me irrita ouvindo a pandemia ser levada a sério e ser podendo ser combatida com inteligência, criatividade, cuidado, sei lá o que mais. É o que me irrita ouvindo falar que o que passamos não é mais do que uma

gripezinha, e que a morte é o fim de todos nós, que estão morrendo muitos é verdade, mas e daí?

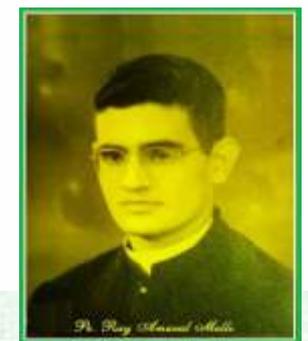
Ainda que esteja crescendo o número de enfermos ou que saibamos que

essa pandemia, em vez de vir dos pobres, tenha vindo na bagagem daqueles que podem viajar pelo mundo, mesmo assim, eu vejo que se acende uma luz. Nela, avisto a tremular a bandeira da esperança. Agitam essa bandeira, os profissionais da saúde que, verdadeiros heróis, a mantêm desfraldada bem no alto. Carrega esta bandeira, a compaixão por tantos que sofrem e buscam a partilha de seu pão. Carregam esta bandeira, os que não deixam a população sem os serviços essenciais. Carregam a bandeira da esperança aqueles que, guiados pelo Papa Francisco, oram e se colocam a serviço uns dos

outros.

Viva a esperança! Eu aprendi a viver a esperança com um outro sacerdote que para mim foi pai, mestre, irmão, companheiro. Seu nome é Dom Paulo Evaristo Arns. Como eu gostaria de tê-lo conosco, de ouvir sua voz clamando nos momentos em que tudo parecia perdido! "Coragem! Esperança sempre!"

Graças a Deus que existam tantos com o coração cheio de esperança, mostrando que um mundo novo é possível. Há muita gente ensaiando este mundo novo, este Brasil novo, por mais que haja quem tenha na cabeça apenas um projeto político e que, em razão disso, não consiga a sua frente enxergar o medo, a angústia, a ansiedade e o clamor por justiça de nosso povo. Concluo, com mais um sinal de esperança que vem lá dos Estados Unidos. Falo do brado de milhares de pessoas gritando que "a vida... qualquer vida interessa".



(*) ANTONIO APARECIDO PEREIRA, Cônego (59/64), 76. Vigário Episcopal na Pastoral da Comunicação (PASCOM) e pároco na Paróquia N.S. das Dores, na Zona Norte de S. Paulo-SP. Trabalha no Jornal O SÃO PAULO e na Rádio Nove de Julho (AM 1600 KHz) com grande programação <http://www.radio9dejulho.com.br> - 11- 98306.3863. padrecido@uol.com.br



Letterio Santoro*

Muita fome de Deus



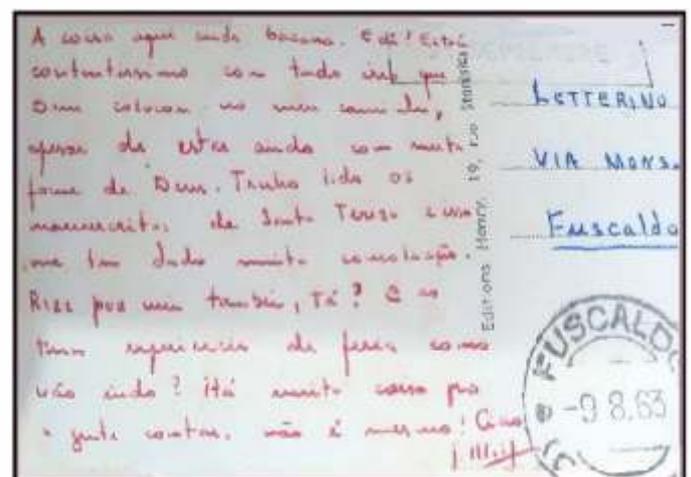
Dias atrás, depois do almoço, cismeiei de repente de rever fotos e Cartões Postais antigos, especialmente do tempo de Colégio Pio Brasileiro e das férias de 1963 na minha terra natal: Fuscaldo, Itália. O objetivo era localizar esses objetos para enviar ao BlogFuscaldo.it na quase vã tentativa de obter alguma reação de amigos do outro lado, seja de Fuscaldo, seja de outra cidade do mundo. Descobri, por exemplo, ter recebido em Fuscaldo Cartões Postais de companheiros seminaristas a passar férias na Alemanha ou na França em agosto de 1963. E descobri mais: que a rua onde morava, na ocasião, com minha tia Eurifina e meu primo Nuzzo, não se chamava na verdade Via Croce, como eu suponha. Chamava-se corretamente Via Mons. Mantovano, nome de um parente de minha mãe (Maria Teresa Mantuano), sacerdote e bispo na segunda metade do século XIX, glória da família e considerado Servo de Deus.

E de quem recebi eu o lindo Cartão Postal lá em Fuscaldo, vindo de Nancy, com vista geral dessa cidade, na França, onde ele também passava as férias? Aqui está a surpresa: do estudante de Teologia José Wolf, velho companheiro do Seminário do Ibaté, bom companheiro de Filosofia no Colegião de Aparecida, e, por último, companheiro de Pio Brasileiro, em Roma. Éramos ele, o Décio Pereira, o Sérgio Schirato e eu, todos de São Roque, todos da Arquidiocese de São Paulo. Batíamos papo algumas vezes, individualmente ou em grupo, em Aparecida e no Pio. Mas o que mais me impressionava agora no Cartão Postal recebido de Nancy, muito mais talvez que durante as férias em minha terra natal de Fuscaldo, foram as palavras escritas pelo seminarista José Wolf nas férias de 1963.



Foi tão importante para mim a descoberta desse Cartão Postal do antigo companheiro, quase 57 anos depois, que decidi escrever essa crônica e divulgá-la através do jornal, do facebook e do boletim Echus do Ibaté em homenagem à memória de José Wolf, que estudou comigo em três seminários (de São Roque, de Aparecida e de Roma) e, como eu, também não seguiu a carreira eclesiástica. Depois, cada um seguiu seu caminho e nos perdemos de vista. Abraçamo-nos de novo muitos anos depois nos Encontros bienais da Turma do Ibaté. As ardentes palavras do Cartão Postal de 1963 me dão a certeza de que até o final da vida ele sentiu essa fome de Deus, aliás, “muita fome de Deus”. José Wolf sempre foi um místico, por isso se pôs a ler os manuscritos de Santa Teresa. Há de estar agora finalmente saciado em Deus, pois ele procurava o Absoluto. (20.02.2020)

São poucas palavras, as possíveis de escrever no lado esquerdo do verso do Cartão Postal, pois no lado direito estava o endereço e o meu nome da época. Não recordo se retribuí ou não, com cartão ou por carta, à gentileza amiga do José Wolf, hoje falecido, conforme soubemos anos atrás pelo boletim Echus do Ibaté. Mas em agosto de 1963, o companheiro José Wolf, de férias em Nancy, me escreveu, no limite do Cartão Postal, com letrinha miúda, difícil de ler sem atenção, entre outras palavras, como joia preciosa engastada em anel de ouro, as seguintes palavras escritas a fogo pelos sentimentos provados por ele naquele dia e local: **“Estou contentíssimo com tudo isso que Deus colocou no meu caminho, apesar de estar ainda com muita fome de Deus. Tenho lido os manuscritos de Santa Teresa e isso me tem dado muita consolação. Reze por mim também, tá? E os seus experimentos de fazer como um santo? Há muito coisa por gente contar. não é mesmo! Que**



* LETTERIO SANTORO (Tibúrcio), 80, 55/59. É pedagogo, professor, escritor e poeta em Garça-SP - Membro da APEG, Assoc. de Poetas e Escritores de Garça - 14-3471.1934 - letterios@hotmail.com



Vale a pena ler de novo...

Echus: o nosso espelho

José Wolf, 50/58*

*Love is touch, touch is love
Love is reaching reaching love
Love is asking to be loved
John Lennon*



LOVE IS TOUCH! O amor é um toque, já proclamou o profeta John Lennon. Toque que passa pela pele, pela emoção e até por uma publicação impressa como o nosso **ECHUS**, que tanto amamos e cultivamos e no qual nos espelhamos e nos eternizamos.



Uma pesquisa inglesa já comprovou que em plena era digital, da Internet e do celular, a mídia impressa continua em alta. Uma das razões: a maioria dos leitores deseja "tocar" e checar a notícia in vivo. Assim, ao ir ao banheiro, não se leva o computador, mas muitos vão com o jornal diário, devorando as notícias e manchetes de cada dia.

Ao surgir em novembro de 1993, no século XX, o Informativo **ECHUS**, dos ex-alunos do Seminário de São Roque, no Ibaté, por iniciativa de uma equipe de idealistas, entre os quais, Márcio Pereira, José Justo, Francisco Fierro, Atílio, Darcy Corazza, Luiz Furnaletto, Carlos Cosso, Heládio Bispo, Adahir Guarnieri, Francisco Fanchini, Alfredo Barbieri, Gilberto Lucarts, Sérgio Fioravante, foi uma epifania, uma revelação que nos uniu e nos ressuscitou, ao registrar a história e as lembranças de um tempo quando nós jovens éramos eternos, felizes e promissores.

Na condição de jornalista, já registrei vários depoimentos de colegas como o Justo, o Mosca, o Atílio, o Barbieri, Fuga (Rolando Zani), Corazza, Fierro, Perereca, Letterino, Simões, Paçoca, Paulo Toschi, José Maria Pinheiro, Walter Barelli ou Domingos Amstalden, sobrinho do eterno padre Constantino, sobre o nosso Boletim, nossa história e trajetória.

Uma das seções com grande lobo é a **PHOTANTIQUA**, que já registrou momentos históricos de nossa trajetória, a exemplo do **ECHUS** nº 40, com o cenário de fundo um trem da Sorocabana, que não existe mais, além de registros de nossos mestres, como Constantino Amstalden, Pe. Paschoal Amato, Expedito Marcondes, Ruy Amaral, Mons. Kulay, Mons. Luiz Gonzaga, entre outros.

A seção mais triste mas inevitável é **NA CASA DO PAI**. A mais dinâmica, com certeza, é a **MENSAGENS RECEBIDAS** dos leitores, mantendo nosso **ECHUS** um veículo vivo e mutante! E a mais bem vinda, com certeza, a **CONTRIBUIÇÕES**, para manter o nosso **ECHUS** vivo!

Um senão: oi, Wilson Mosca, por que não incluir em cada edição um mini-editorial, a exemplo do que ocorria nas edições iniciais?

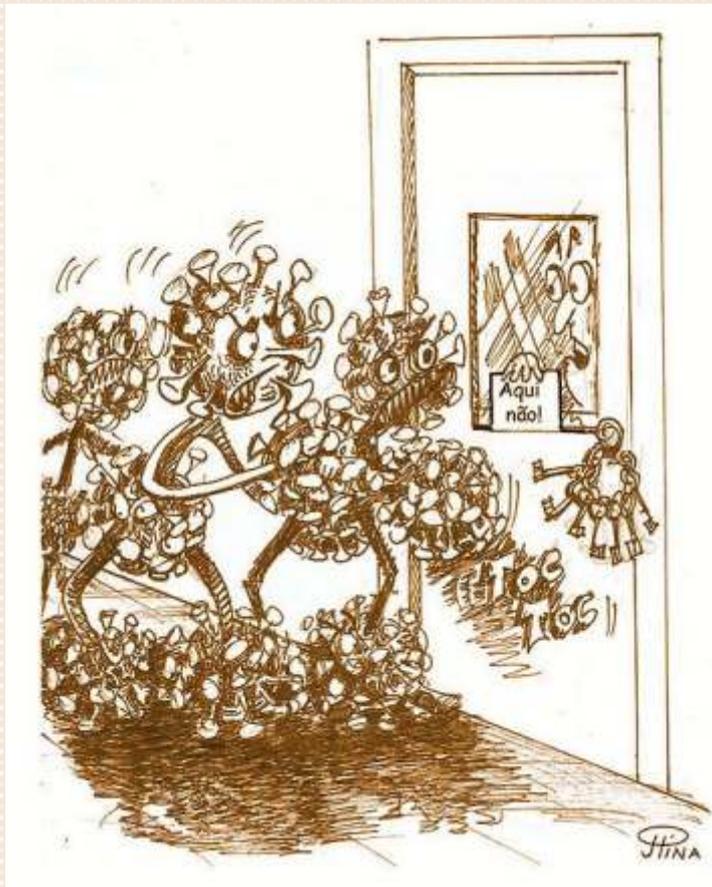
Conclusão: hoje, esperamos, a cada mês, que o envelope marrom, sob a porta, nos traga as notícias de um futuro passado, que foi nosso e que continua a pulsar em nossas mentes e corações, à semelhança de "O tempo e o vento", de Érico Veríssimo: precisamos resistir e insistir como o vento, apesar da fragilidade do tempo.

(*) **JOSÉ WOLF (Zeca)** 50/58, foi filósofo e teólogo. Jornalista em S.Paulo. Falecido em 23.11.2012 aos 75 anos - Texto publicado no Echus do Ibaté 86, Jul-Ago 1996.

LÓGICO, NÉ?

Todos os dias ele ressuscita às 6:00h.
Levanta, mij a, peida, lava as mãos, o rosto, escova os dentes.
Tira da geladeira o pão, a manteiga, o suco e o mamão.
Bota a água pra ferver, põe a mesa e faz o café.
Come, come, come.

Tira a mesa, sacode a toalha.
Toma banho, põe o pijama de nôvo.
Senta no sofá e vê um jornal na TV.
Desgraça, desgraça, desgraça



Luiz Loureiro, 62/63*

Vai pro escritório, liga o computador.
Paga umas contas.
Atualiza o face, o zap, os e-mails.
Escreve, escreve, escreve.

Põe a mesa do almoço.
Lava a louça atrasada.
Faz arroz, requeenta a mistura de ontem.
Come, come, come.

Hora da soneca.
A taça de vinho fez efeito.
Deita e espera o cachorro parar de latir.
Dorme, dorme, dorme.

Tá na hora do livro.
Senta na poltrona.
Liga o som. Lá, lá, lá, lá.
Lê, lê, lê.

E o lanchinho da tarde?
Come, come, come.

E a janta?
Come, come, come.

E o filminho da noite?
Come, come, come. Claro!

Vai pra cama.
Morre de novo.
Amanhã ressuscita de novo.
Ronca, ronca, ronca.



Bem, caro leitor, se você conseguiu chegar até aqui e achou que este texto é um porre, você está certo. Mas é melhor ser um privilegiado e poder ficar em casa, de saco cheio, do que sair à rua e pegar a COVID-19. Lógico, né?

* **LUIZ NORBERTO COLAZZI LOUREIRO**, 71, 62/63 - Arquiteto pela FAU-USP e Graduado em Marketing-FGV-SP, foi prefeito de Paraibuna-SP e atualmente dedica-se às Letras, quando não está cozinhando - São José dos Campos-SP - loureiroefabiana@gmail.com

Ilustração: Jaime Pina da Silveira

Para-choque do Caminhão do Ubaté

**NÃO ME SIGA;
ESTOU PERDIDO!!!**





Gripezinhas do Ibaté

José Moreira de Souza*



Em nossos anos de Ibaté, havia com frequência algum devoto seminarista recolhido ao leito em estado febril, entregue aos zelosos cuidados de competentes enfermeiros virtuosos devotos de São Camilo de Lelis. Faltam adjetivos para qualificá-los - é claro, os enfermeiros.

As gripes endêmicas obedeciam ao calendário da ladainha de todos os Santos: *A peste, fame et bello!* O retorno das férias. As colinas do Ibaté não eram suficientes para varrer os miasmas encarnados nos leves pulmões dos insistentes gozadores de férias de julho. Bacilos, bactérias bailavam em confraternização, em festa.

Alguma febre, tosse, saudades da mamãe? Era hora de subir as escadas que davam à capela, encontrar a saleta do lado oposto e exibir reclamação aos doutos enfermeiros.



Nossos heróis eram enfermeiros prontos a avaliar estado febril, aplicar injeções de eucaliptine, às vezes, banhos de luz e até águas milagrosas.

Ary Joly? Otto Dana?

Ah! A farmácia do Ibaté acolheu as glórias de um jovem de nome Gilberto Lucarts, auxiliado pelo enfermeiro ajudante, Mário Angelini.

No ano de 1959, uma gripe avassaladora levou à cama uma multidão de enfermos. Tão violenta foi a pandemia do Ibaté, que aos padecentes foi reservada uma ala inteira do dormitório. Este foi o momento de nossos enfermeiros exibirem competência, esquecendo-

se das obrigações escolares.

- Meus prezados seminaristas, o dever de estado é o dever de estudo. Preceituava com sotaque especial nosso visitante Dom Antônio Maria Alves de Siqueira.

Nem para os acamados, nem para os enfermeiros, esse dever se aplicava. Curiosamente, padecer de reclusão involuntária tornou-se oportunidade de recreio. Recolhidos, estávamos livres do Regulamento. Nada de reza, nada de silêncio.

Certa manhã, a conversa reinava solta na ala de isolamento ocupada por trinta e tantos moribundos. Um deles, mais entusiasmado, contava um caso, incorporando novelas do Decamerão (???). Em meio ao entusiasmo afirmou:

- "Deve haver..."

Espantado, todos espantados ouviram uma voz ecoar:

- Dever a haver é mais silêncio aqui!!!

Recebíamos a solene visita do magnífico senhor padre prefeito da disciplina, Expedito de Barros Marcondes.

Acabou-se o recreio dos moribundos.

O momento de acolhida à peste rendeu homenagens aos zelosos enfermeiros, os homens da frente de guerra. Nosso eterno reitor, padre Constantino Amstalden, inaugurava a arte de dirigir o Ibaté. Suspendeu o dever de estado também para os enfermeiros e nosso Beta que jamais imaginava obter uma medalhinha que, segundo Paulo Acácio, já pesava o pescoço de Getulino, a dita medalha foi destinada ao Gilberto Cianflone Lucarts.



No dia de Proclamação das Notas, todos reunidos solenemente no auditório, ouvimos:

- Primeiro lugar da turma do 5º ano: Gilberto Cianflone Luckarts.

Gilberto riu por toda vida dessa honra concedida em que o estudo foi trocado pela atenção aos moribundos de São Roque. Tinha razão. Os enfermeiros foram dispensados das provas e lhes foram atribuídas notas 9,5 até 10 em Latim, Português e Grego. Essa medalha se devia ao futuro Dom Constantino com todo louvor.

Falei de Ladainha de Todos os Santos. Então, tenho que justificar a menção.

Imagino que todos os devotos ex-seminaristas do Ibaté são, hoje, marcados pelo selo de alerta ao Anjo Exterminador - Aqui Não! -. O Ibaté tem amplos dormitórios reservados para nós. É nosso asilo.



Nas “colinas do Ibaté” - viva nosso Alfredo Barbieri - estamos a salvo e podemos nos penitenciar por todos aqueles que serão visitados e ameaçados pelo Anjo Exterminador.

Falo sério. Muito sério.

No longínquo ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de um mil e setecentos e cinquenta e cinco, exatamente no dia 1 de novembro, dia de Todos os Santos, Lisboa foi varrida por um grande terremoto. A notícia chegou ao Brasil imediatamente, no início de julho de um mil e setecentos e cinquenta e seis. Ainda bem que era um terremoto, não a influenza filha da Primeira Guerra Mundial. Com este ritmo, houve tempo para os paulistas se precaverem dos Flagelos de Deus em punição a nossos pecados.

Vejam o que aconteceu em nossa São Paulo.

Transcrevo a notícia com a ortografia original. Por favor, ponham o til (~) sobre a letra certa. Nossa ortografia não aceita til sobre q, e ou u. Qua, qua, qua! Ela favorece Meditação.

TERREMOTO DE LISBOA REPERCUSSÃO EM SÃO PAULO

Gazeta de Lisboa, 1757

Lisboa 27 de janeiro. São Paulo, cidade da América 15 de julho [de 1756]

Com a chegada de um navio do Reyno ao porto de Santos, se recebeu a lastimosa notícia da fatalidade sucedida em Lisboa no 1 de Novembro de 1755 com a individuassão dos horrosos estragos q padeceram não só os Templos, os Mosteiros, os Palácios régios, Tribunaes, mas as cazas de seus habitantes; e não houve neste Paiz, olhos que se não fizessem fontes.



O Excelentissimo e Reverendissimo Bispo desta Diocese Movido ao amor da pátria, e do temor de sendo mayores os peccados da América, que em Portugal, poderiaõ experimentar semelhante ou mayor destrosso seus subditos, quis implorar a misericordia Divina e ordenou oyto dias de preces publicas, que se fizeram não só nessa Cidade mas em todas as freguesias do Bispado. Em cada h~u deste oytavario houve semaõ de missam, a que o mesmo Prelado deu principio, e concluiu com tal espirito e fervor, que faziam estrondo nas igrejas, os ays e soluços do Povo consternado e arrependido. Acabado o último sermaõ sahiu pelas ruas da Cidade uma procissão de penit~encia em q hiam Meninos de sete annos, huns assoutando-se, outros com diferentes gêneros de penit~encia e no fim della o mesmo Prelado com capa magna, mas sem caudatario, descalssso, com h~ua grossa corda ao

pescosso, h~ua coroa de espinhos na cabeça. E a Imag~e de Christo Senhor Nosso nas mãos. Todos os Conegos e Clerigos á imitação de seu Prelado, hiaõ descalssos e, em lobas, coroados de espinhos. Não foraõ nellas Mulheres por ordem de sua Excellencia, mas pellas ruas onde se passavaõ se ouviaõ os clamores, o ruido das disciplinas e as impetrassoens da Misericórdia Divina dentro das cazas. Logo que a procissão sahiu da Sé, comessou a chover com tanta forssa, que chegavam as enchorradas das ruas a meia perna, porém continuou sempre sem atenssão a nenhum discomodo e fez o seu gyro; e ao recolher-se tomou hua disciplina por quazi hum quarto de hora, contribuindo para esses actos santos a contrissão, e arrependimento com que todos se achavaõ, havendo feito confissoens geraes, e revalidado muitas de 30, e 40 annos, para o que havia na Sé e em todos os Conventos, Confessores sempre prontos, em todos os dias da Missaõ, com a publicassão da Indulgencia Plenaria, que o Prelado tem faculdade du Summo Pontifice para conceder enquanto durar a Missaõ que fizer.

Façamos nosso Ramalhete espiritual enfeitado de Sacríficios

* **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA, 79**, (55-59) Sociólogo e escritor. Professor aposentado da UFMG. Atualmente dedica-se às letras e há muitas décadas, ao Folclore (Membro da Comissão Mineira de Folclore), além de emérito conhecedor da cachaça mineira - (31) 3386.1290 zedeflora@gmail.com



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489



JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA,
Quinzinho*

ONDE ME ESCONDER?



Talvez o amigo leitor possa me dar um sinal que seja de coragem, ou melhor ainda, de solução definitiva para meu dilema atual. Encontro-me obedientemente às ordens das autoridades civis, militares, judiciárias, médicas e familiares, em quarentena. De acordo com essas entidades acima citadas, assim protegido e policiado, estarei ao abrigo e amparo das perseguições que me movem forças, ora ocultas ora muito bem claras, sequiosas pela minha morte.

Digo, então, qual é o meu dilema: sou procurado atualmente por um grupo numeroso e empoderado por milhões de votos e que me considera um mau elemento, com ação subversiva na história e na vida brasileiras. Faço parte daqueles trezentos mil procurados pelas forças claras embora não clarividentes, porque sou considerado (e é verdade) um lulopetista, esquerdopata digno se um “Vai pra Cuba!”, etc e, mais especificamente, um esquerdista. Devo ser enquadrado, então, àquele grupo que escapou das perseguições, torturas e sumiço final, aplicados a quem se contrapunha ao golpe de 64. Imagine o leitor que, naquele ano, meu último de seminarista do Central do Ipiranga, eu pertencia a uma turma que fazia apostolado na antiga favela do Vergueiro em companhia do recentemente falecido, padre Emílio Chasseraux. Subversivo como eu, Chasseraux dizia que sempre estaria onde estivesse seu povo pobre de sua paróquia de Vila Palmares. Por exemplo: todo primeiro de maio, ambos, o padre e seu povo pobre, estavam nas comemorações do dia do



Favela do Vergueiro

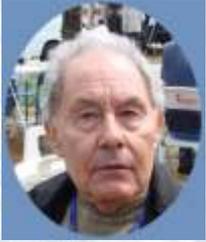
trabalho, do trabalhador e da luta operária. E, voltando aos evangelizadores do Central, naquele ano fomos “acusados” de guardar armas no seminário. Veja só, caro leitor, como as chamadas fake news não são, para mim, nenhuma novidade.

E escapado em 64, qual será agora em 2020 o meu destino? Continuo escondido, recluso, policiado, tutelado. Mas vá que me descubrem no aconchego do meu lar, sob a vigilância filial...

Mas apesar de toda essa salvaguarda e custódia, há também o incontestável fato de pertencer ao grupo de risco, na caça que nos move outro perseguidor fatal e invisível, mas tão violento como o descrito anteriormente. Refiro-me, é claro, ao coronavírus e à enxurrada de conhecimentos que jogam para cima de quem tem idade superior a 60 anos. Pense, então, em quem já está além dos 80! É hora da eugenia? Ou do simples objeto de consumo de um darwinismo social, querendo nos conduzir a uma seleção “natural”, de acordo com a utilidade econômica do ser humano? Quanto a mim, como me poderia conformar com o desprezo lançado pra cima de quem deve se considerar um já gasto e inútil pano de chão, por estar na etapa final da existência?

Por tudo isso, continuo aqui segregado, afastado, quase sequestrado, em perene processo de desinfecção. Isolado, armazeno lembranças e cultivo esperanças. Onde me escondo, caro leitor? Continuo vivo ou já morri e nem percebi?

* JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA, Quinzinho 82, 50/56, é doutor em literatura brasileira. Suas teses de mestrado e doutorado são: “A hierofania no episódio do pacto de Riobaldo com o demo” e “O trabalhador como tema e personagem em romances brasileiros da década de 1930”. Aposentou-se pela PUC-SP como professor de Literaturas Brasileira e Portuguesa - 11 99339-3092 joka.oliveira@uol.com.br .



Pe. Otto Dana*

A Síndrome do Dilúvio para Tempos de Quarentena



Hoje, sem ter o que fazer, o que se recomenda nesse tempo de quarentena, que lembra a quaresma, resolvi entreter-me com o meu assanhado anjo da guarda.

Ele é o único que finge ouvir minhas bobagens sem bocejar. Desconfio até que algum arcanjo lhe prometeu uma promoção se conseguir me levar lá pro céu.

Dia desses discutíamos sobre o porquê de muitos católicos terem tanto pavor de água na hora de ir para a igreja. E pastores amigos de outros grupos religiosos me contaram que o fenômeno se repete também em suas congregações. Constata-se que o ir à igreja é a única ocasião em que a chuva é uma ameaça assustadora.

Conheço católicos que, antes de sair para a missa, consultam a internet para saber das condições meteorológicas do momento. A mais remota previsão de chuva, mesmo que seja só uma garoa, os fazem desistir. Olham pela janela e, se o céu está minimamente nublado, ou pior, se já caem algumas gotículas... hoje, não! Igreja, Deus me livre! É pneumonia na certa.

Guarda-chuva? Capas! Guarda-chuva de missa tem goteira. Sábado passado, à noite, numa grande praça, o Michel Teló apresentava um show a céu aberto. Uma chuva de encolher casco de tartaruga. A praça coalhada de guarda-chuvas. Lá o guarda-chuva funcionava. Para a missa, guarda-chuva tem goteira, a chuva dá pneumonia, as gotas assanham a gota e o reumatismo.

E esse pavor é genético. Para filhos e netos, também a chuva, ou a ameaça dela, é um perigo. Mas, só para ir na igreja. Pra ir na escola, principalmente se é paga, pra ir no shopping, no aniversário do amiguinho, pode chover pedra que está lá. O papaizinho, a mãezinha dão um jeito. Os



marmanjos, igualzinho: pra ir pra igreja com chuva, jamais. Mas, não perde o dia de trabalho nem deixa de ir no campo pra torcer pelo timão, e acha até dez a chuva caindo lascada no lombo e os raios e trovões pipocando na arquibancada comemorando o gol, nem que seja contra.

Nesta conversa mole, conjecturava com meu Anjo da Guarda: de onde vem essa paúra, esse medo todo de enfrentar a chuva em hora de missa ou de culto? Não seria, talvez, sintoma da Síndrome do Dilúvio?! Síndrome do dilúvio, o que é isso? Na catequese católica e na escola dominical dos crentes, as criancinhas ouvem a narrativa bíblica do dilúvio dramatizada pela tiazinha que o compara a um tsunami devastador, ondas gigantescas arrastando casas, prédios, animais e barcos, estraçalhando com tudo. E a criancinha fica traumatizada. Tem pesadelos horríveis com aquela barquinha de Noé cheia de todos os bichinhos, coitados, sacudida e arremessada a ponto de quase afundar. E, de repente, a coitadinha da criança acorda com o colchão todo molhado e o luluzinho rosnando mal-humorado, porque fedia a xixi de gente.

Eu e meu santo Anjo da Guarda sentimos, ao mesmo tempo, o estalo da mente iluminada. Eureka! Descobrimos a raiz do pavor dos católicos pela chuva no cumprimento dos deveres religiosos: É a Síndrome do Dilúvio. Aquelas gotinhas inocentes, que começam a cair meia hora antes da missa ou do culto, podem se avolumar e transformar-se numa imensa tempestade a ponto de fazer soçobrar o precioso fusquinha/59 da família, tragado por uma boca-de-lobo transbordante. Não, Missa hoje, não! Deus que me perdoe, mas, não sou Noé!

PE. OTTO DANA, 81, 54/58. É pároco emérito em Rio Claro-SP. Especializado em Filosofia da Educação, mestrado em Ciências Sociais e doutorado em Sociologia da Religião. Professor aposentado da Unesp, campus Marília - 19-3524-0831 - otto.dana@gmail.com



Paulo Francisco Toschi*

Admirável Mundo Novo (Será?)



Eu estava meditando, na quarentena que todos estamos vivendo, sobre a gripe que ocorreu lá no Seminário do Ibaté no início dos anos 50 do século que passou. Já faz quase 70 anos. Os dois quartos que ficavam em frente à sala do reitor, no corredor que saía do salão de entrada do prédio, foram transformados em enfermaria. Entre os dois havia uma divisória que podia ser aberta, transformando-os em um salão maior. Leitões foram alinhados, um bem próximo do outro, e o Edgard Igushi, nosso enfermeiro, de duas em duas horas, ia aplicando as injeções de penicilina nos braços dos acamados. Sim, porque o Padre Constantino jamais permitiria que tomássemos tais injeções nas nádegas. Meu braço mais parecia uma peneirinha, dessas de coar chá. No mais, até que era divertido, pois tínhamos o dia todo para bater papo. Não que dispensassem as orações coletivas de costume. Não lembro como eram as refeições. Uma semana de molho e estávamos curados.

Não tínhamos televisão para nos distrair, muito menos celulares para um “mãe, tô doente!”. O único telefone fixo ficava num cantinho do salão de entrada do prédio e aos alunos era inacessível. Banho frio para quem estava gripado? Havia, no salão de chuveiros do térreo, lá no fundo, uma cabine com um arremedo de chuveiro elétrico, porém, era muito difícil algum aluno ser autorizado a utilizá-lo. Remédio para febre? Será que era Veganin? Ou era Salopheno? Acho que era Melhoral, mesmo.



Sarei. Tô aqui!

São passados 70 anos. Um outro “bichinho”, Novo, da família dos Coronavírus, resolveu distribuir, a mão-cheia, uma nova gripe batizada como COVID-19. Não há quem não seja doutor no assunto, pois os meios de comunicação martelam o dia todo notícias, estatísticas, normas das autoridades médicas e/ou governamentais, criando não só um “suspense”, mas, principalmente, temor.



Temor porque, neste admirável mundo novo em que o homem envia sondas espaciais a outras galáxias; onde robôs descem em Marte; onde enciclopédias mais completas e mais atualizadas que a BARSÁ cabem no bolso, em minúsculos aparelhos que servem para falar, para ler, para escrever, para ouvir músicas, para ver televisão, para fazer videoconferências, para movimentar a conta bancária, para fazer compras, etc. etc., neste admirável mundo novo, a única solução adotada até agora é manter todo mundo trancado dentro de casa. Covas vão sendo abertas às centenas em vários cemitérios. Pessoas são enterradas envelopadas e trancafiadas hermeticamente em seus féretros. Sem velórios. Sem o acompanhamento de parentes e amigos até sua última morada. Ninguém pode sair às

ruas (ou não deve). Se sair, tem que se estar mascarado, como o Zorro. Médicos, enfermeiros, profissionais da saúde e de serviços públicos mais parecem astronautas, com suas proteções e máscaras e luvas. O comércio fechado. Para entrar em certos lugares é preciso ser sozinho ou aos pares, mantendo distância de mais de metro de outras pessoas.

Enquanto isto, igrejas são fechadas; missas, só pela TV; shopping centers ou cinemas, nem pensar; lojas e estabelecimentos, só de serviços essenciais. E assim vai... Ah! Escolas, só por telecursos.

Velhinho não sai de casa. Filhos e netos não podem ir visitar.

Admirável Mundo Novo? Será? - Eu tenho um bisneto que eu vi ligeiramente no dia em que nasceu. Já completou 3 meses de vida. Quando será que poderei tê-lo em meus braços? Quando este pesadelo vai acabar? Se eu não tomar cuidados de isolamento e de proteção facial, se não adotar continuamente providências extraordinárias de higiene ao mínimo contato com terceiros, por ser idoso e pertencer ao grupo de muito risco, corro o risco de não vir a conhecer de perto o meu bisneto.

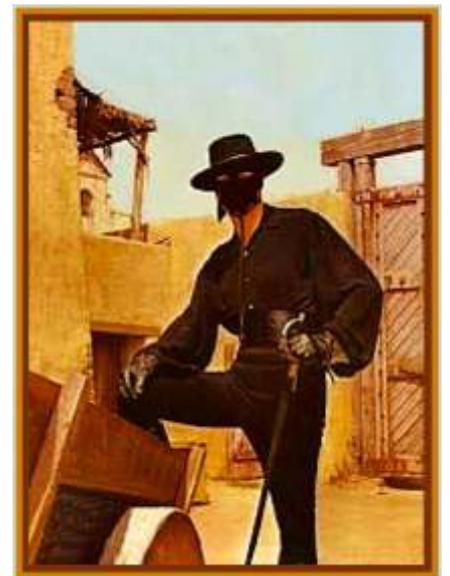
Jantar de Primeira-Sexta-Feira? Nem pensar. Ir ao Banco, à Farmácia ou ao Supermercado só em casos extremos e com cuidados especialíssimos.

Tomar vacina? Só em drive-thru. Consulta médica? Só por videoconferência. É por videoconferência também que pessoas de escritórios têm trabalhado (em casa). Alunos têm participado de aulas. Famílias tem se visto...

Admirável Mundo Novo? Será? - O nosso Seminário começou em 1949 e cerrou as portas em 1973. Pessoas entravam lá aos 11 anos. Os pioneiros já passaram de seus 80 anos de vida. Os últimos a deixar o Ibaté já estão ultrapassando os 60 anos de vida. Somos todos “grupo de risco”.

Que o Imaculado Coração de Maria nos deixe todos cantar o Sub Tuum Praesidium em nosso próximo encontro no Ibaté.

Que tenhamos convicção para dizer com propriedade: **Admirável Mundo Novo.**



* PAULO FRANCISCO DA COSTA AGUIAR TOSCHI, 82 (49/53), advogado aposentado em S.Paulo-SP - autor do livro "Palavra de Seminarista" (<http://www.geocities.com/~ptoschi>) - paulofranciscotoschi@yahoo.com 11-99478.1215



Do trono ao Caos - Gustave Doré (1832-1883)

PANDEMÔNIO

as garras da noite infiltraram-se
sorradeiras
na hesitante luminosidade dos dias.

a lição que nos ensina
com seu manto de névoas
não será fácil assimilar.

em tempos de trevas
mitologias e religiões confundem-nos
ainda mais.

os sonhos foram expulsos
e *le cheval noir de la nuit* encarcera
todas as imagens luminosas.

o que engendramos em vigília
já não inspira qualquer transcendência.

pode ser que não sejamos mais humanos
e alguma mutação ôptica já tenha
se instaurado.

talvez não seja mais possível zombar
da multidão de deuses
nem esquecê-los.

quicá tenhamos de lhes fazer libações
para domesticar a legião de demônios
que despencou dos palácios de Satã.

o que se instaurou sobre nós
é o Informe Caos a espera
de algum demiurgo.

uma símile corrompida do *Paraíso Perdido*
com versos que eliminaram
qualquer possibilidade
de redenção.

José ÉDSON Soares da CRUZ, 72/73

Transcrito de sambaquis.blogspot.com.br



ACTION PAINTING

*A parede de meu quarto é uma tela de Pollock,
O sol vazando pelos vidros, projeta em branco e preto
os galhos, ramos e folhas que se interpõem em seu caminho,
esbatidos por manso vento que agita a natureza.
Sombras sobre tela em algaravia de traços, pingos e manchas.
Uma galeria de obras em gotejamentos de luz e sombras.
Formas em movimento no embalo de um sol viajero.
Sou agraciado pela arte que se instala em meu quarto
em todas as manhãs de sol. Pintura de ação.
Sinto-me acompanhado pelo artista.
Um dia irei ao MOMA para conversar com o pintor.
E agradecer.*

Valdevino Soares de Oliveira, 59/63

- Jackson Pollock, 37

PHOTANTIQUA



Estudiosos Rapazes

Sexto Ano - 1959



Tiago Alexandrino Etelvino
Roberto Delgado de Carvalho
Manoel Fernandes Barja (Espanhol)
Sebastião Campanaro
Sigmar Malvezzi



Nílio Antonino Vieira (Cafarnaum)
O sétimo infelizmente não pôde ser reconhecido.

(Acervo de Letterio Santoro)



PARÓQUIA DAS TROVAS

O Covid? Pus pra correr...
Dezenove aqui não joga!
Se quiser, vá recorrer
Junto aos urubus de toga!

Antônio Jurandyr Amadi (Kiro/Engenheiro) (51/57)

Não se pode dar abraço,
dar um beijo, nem pensar.
Por que tanto estardalhaço?
Coronavírus no ar!

Joel Hireinaldo Barbieri (51/58)

Toda tecnologia
do homem que foi à Lua,
de um "vírus", a teimosia
não vence; e ele atua.

Alfredo Barbieri (49/53)

Julgando-se um sabe-tudo,
O Homem acha que progride...
Leva agora um bom cascudo
do minúsculo Covid.

Antonio Correa (Careca), 64/67

Fica em casa... A cuca fria!...
Tu és teu maior patrimônio!...
Cuida prá que a pandemia
não se torne um pandemônio!...

Jaime Pina da Silveira
Ex-Aluno do Colégio São José
Pouso Alegre-MG - Padres Pavonianos

Quem vive de alma iludida
entre conflitos, não sente
que a gente não muda a vida;
a vida é que muda a gente!

José Maria Machado de Araújo, 1977

"Magnífico Trovador"
Convidado Especial
Coadjutor da Paróquia

Eis hidroxicloroquina...
Pode ser sua solução...
Você acha em cada esquina,
Mas a preço de tostão.

Coronavírus de novo,
veio para atazanar,
coitado do nosso povo,
já cansado de apanhar.

O Covid dezenove
já matou pessoas mil
espero que ele renove
da humanidade o perfil.

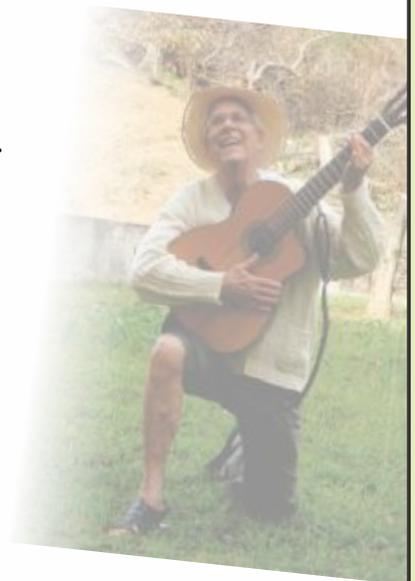
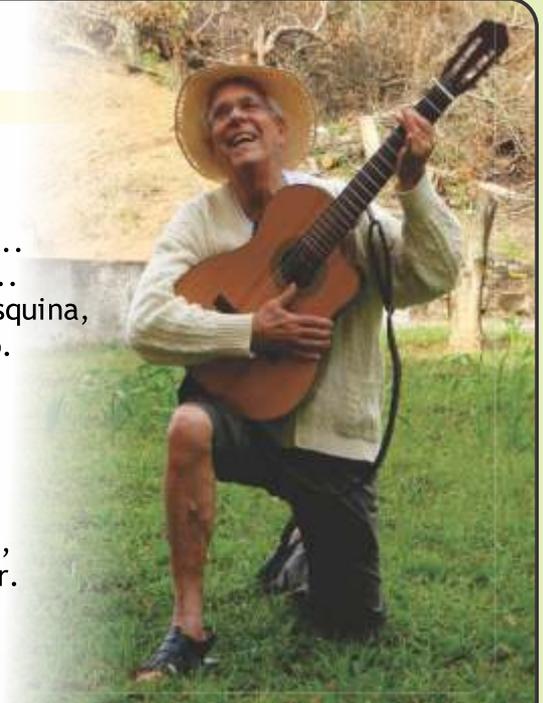
O Corona é um assassino!
Sem vacina concebida,
preto e pobre, um mau destino.
Santa Mãe Aparecida!!!

De olho nu, não posso vê-lo.
E ele veio e quer ficar.
O Covid é um pesadelo
do qual não posso acordar.

Nessas angústias que oprimem,
que trazem o medo e o pranto,
há gritos que nada exprimem,
Silêncios que dizem tanto!

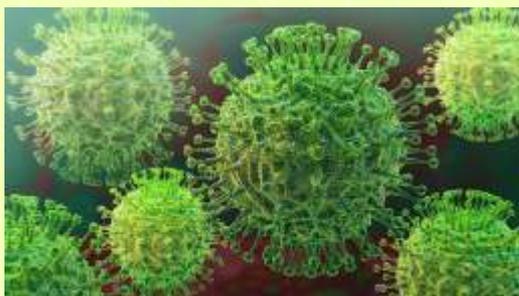
Luís Otávio, 1972

"Magnífico Trovador"
Convidado Especial
Coadjutor da Paróquia



Envie-nos você também a sua trova

Echus do Ibaté e a Covid-19*



O coronavírus pertence a uma ampla família de vírus que pode causar diversas infecções, desde resfriados comuns até doenças graves como, por exemplo, infecção respiratória, pneumonia grave, requerendo, às vezes, internação em UTI. A forma de transmissão mais comum é por aerossóis, isto é, por partículas microscópicas de secreções do nariz, garganta e da saliva, bem como por meio do contato com superfícies e roupas contaminadas.

Em dezembro de 2019, uma nova cepa de coronavírus desconhecida, denominada CoV-2, causou os primeiros casos em humanos na cidade de Wuhan (China) e se espalhou pelo mundo, transformando-se em pandemia. A COVID-19 é a doença causada pelo SARS-CoV-2, um coronavírus muito estável em diferentes superfícies e condições ambientais.

Recentemente, foi testado o tempo de permanência desse vírus (a CoV -2) nas superfícies, apresentando os seguintes resultados:

- em superfícies metálicas e plásticos: permaneceu viável por 7 dias;
- à temperatura de 4°C (temperatura de geladeira): viável durante 14 dias;
- à temperatura de 70°: o vírus foi inativado (destruído) após 5 minutos;
- em lenços de papel, o vírus permaneceu viável até 3 horas;
- em roupas (tecidos de algodão e lã), permaneceu viável por 24 horas;
- em máscaras, manteve-se estável por 7 dias;
- em cristais e em notas (dinheiro), permaneceu estável por até 4 dias;
- em luvas cirúrgicas, manteve-se estável por 4 dias.

Fica, pois, evidente, que o vírus tem alta taxa de transmissão e os seres humanos são seus principais vetores da doença. Até a pouco tempo, a maior letalidade tinha ocorrido em idosos e, principalmente, naqueles que se apresentavam com a saúde comprometida.

Quais os cuidados, além do distanciamento social e da quarentena?

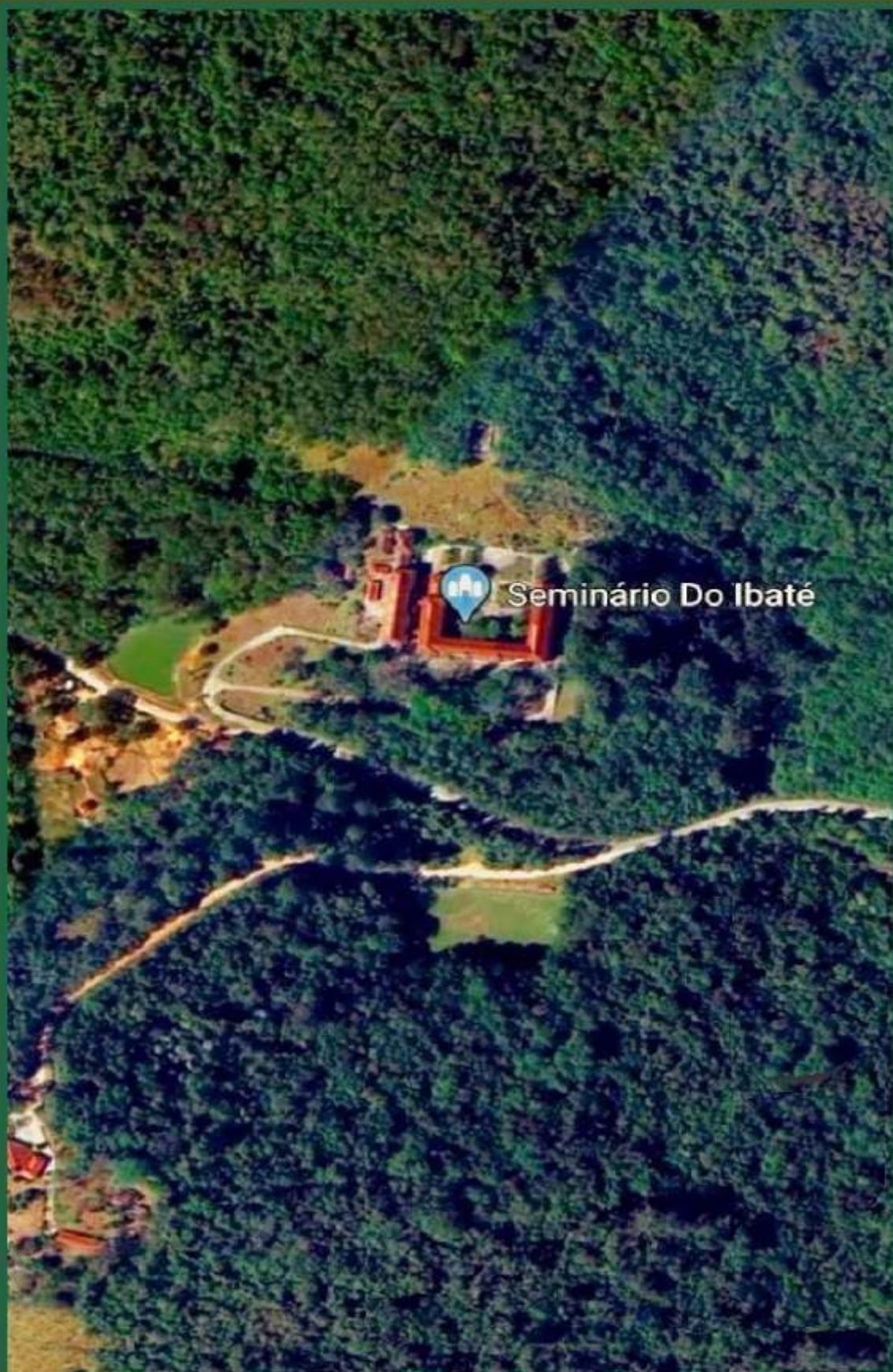
1. Lavar as mãos frequentemente, com bastante água e sabão;
2. Utilizar desinfetantes recomendados;
3. Lavar bem ou desinfetar todos os alimentos antes de guardar na geladeira;
4. Alimentos suspeitos adquiridos no comércio devem ser colocados no forno durante 5 minutos, a 70°C;
5. Ao voltar para casa, separar a roupa e lavá-la com água e sabão;
6. Usar máscara ao sair de casa.

Os desinfetantes mais recomendados para superfície são:

- Álcool etílico ou álcool gel a 70%. Os vírus são inativados após 1 minuto;
- Álcool isopropílico para tela de computadores, celulares, tablets e peças plásticas;
- Solução de água sanitária (2 colheres de sopa de água sanitária em 1 litro de água). O vírus é inativado após 10 minutos de contato. Para desinfecção de sola de sapato ou tapetes da entrada, 4 colheres de sopa de água sanitária em 1 litro de água.

* Texto resultante de um "telebate-papo" com a Dra. Petra Sanchez Sanchez, farmacêutica bioquímica, especialista em Saúde Pública e doutora em Ciências (microbiologia). Trabalhou na CETESB como gerente e pesquisadora. É presidente do Comitê Científico da ABINAM- Associação Brasileira da Indústria de Águas Minerais.

**Colaboração de ATTILIO BRUNACCI, 83 (49/55) Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: "Grazie Tante", autobiografia, "São Paulo na Frente pelo Trabalho" e "Cetesb": 25 anos". Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. atiliobrunacci@gmail.com



- . *Natureza do Ibaté hoje, como há 50, 60, 70 anos atrás.
Já nós... (Sávio Amstalden)*
- *Creçemos, envelhecemos e ele aí permanece
tal como o deixamos, guardando zelosamente
as nossas mais caras lembranças. (Paulo Toschi)*
- Aerofoto Google - jul 2020, Oferecida por Sávio Amstalden, 64/69



Dependência de álcool e outras drogas?

Entre em contato com o **Roberto Oliveira da Silva** Psicólogo com vários cursos na área da Dependência Química.

Dá assistência aos familiares, amigos e para o usuário.

EVITE situações que façam aumentar o sofrimento para você e para as pessoas que você ama
- faça a sua parte: procure ajuda.

O **Roberto** é do nosso time - **Turma do Ibaté (1970 - 1973)**

Ele convive com a complexa questão da Dependência Química há 8 anos. Seu trabalho é voluntário (gratuito) no Instituto Pinderê há 11 anos.

WhatsApp 11-95431-4413 - Tim | 11-98851-6786 - Claro | Instituto Pinderê - 11 5511-8153 (falar com a Bia)
e-mail: ccicm22@gmail.com

NÃO DEIXE O ECHUS MORRER!!!

É de conhecimento público que o Echus vive de doações e trabalho voluntário. Ele existe, simplesmente porque seus leitores o adoram e não perdem dele uma só leitura... queixam-se quando ele atrasa e gostariam muito de que ele fosse editado não de dois em dois meses, mas mensalmente, pelo menos. Além disso, esse jornal é fator de unidade da gloriosa *Turma do Ibaté*, pois ele promove e alimenta boas expectativas de convívio e amizade e é carregado de muitos significados para o coração e para a vida de todos os seus membros.

Vive tu, Echus do Ibaté, para o consolo dos homens!
E como fazê-lo?

Não é nada difícil: valores pequenos, valores médios, valores altos. Faça doações! Sem elas, nada feito, e o Echus não sobreviverá. Seu diagnóstico atual é bastante sofrível, deveras. E o prognóstico, nem falar... pelo andar dessa carruagem, ele não conseguirá nem mesmo se aproximar do Saboó, pois suas pernas estão muito fracas. A subida desse sagrado morro encontra-se quase rente ao universo das impossibilidades. E é sempre lá, do alto dessa montanha, que costumamos anunciar e convidar a todos para que participem de nossos também sagrados Encontros Bi-anuais, que, aliás já se aproximam... observe que em breve será iniciada a tradicional contagem regressiva. Será que conseguiremos??

Sim, continue com as doações, não pare, não! No entanto, temos uma sugestão, sobretudo para aqueles que sentem o desejo de colaborar, mas que tem dificuldade em colocar isso em ação: autorize seu banco, pessoalmente ou pela Internet, a realizar um débito automático de sua conta pessoal e creditar esse valor na conta do seu Echus do Ibaté. Faça com que isso ocorra mensalmente, em valor que lhe seja acessível. Decida o *quousque tandem* ou siga o exemplo de alguns colegas, aplicando por *sine die*. Dessa forma, seu desejo de contribuir será atendido, você não se sentirá em falta e esse instrumento poderá ressuscitar e continuar cumprindo sua função de alegrar todos nós. Experimente! Aceite nossas sugestões. Todos ficarão satisfeitos e não mais seremos afogados por esse sentimento de abandono e ameaças constantes de morte.

Eis nossos dados bancários:

- Banco Bradesco (237)
- Ag. 3191 - Conta corrente 14399-5
- Em nome de Carlos Domingues Cosso - CPF 024.626.218-49

Somos gratos

Santo Antônio

Alfredo Barbieri *



Um dos santos mais queridos e populares em quase todo o mundo é Santo Antônio.

O taumaturgo de Pádua e filho de Lisboa conquistou na igreja uma posição singular entre os eleitos. Toda gente o invoca, cheia de fé, e realmente sente-se que ele é um poderoso advogado junto de Deus. Há séculos a cristandade o proclama o santo dos milagres, o patrono das coisas perdidas, o amparo das famílias, o amigo dos pobres. O que foi em vida continua depois da morte. Sempre bom patrono nas horas de aflição, guia dos que erram, pregador da verdade, auxílio nas necessidades, modelo de todas as virtudes.

O povo o quer muito bem. A sua imagem, tão bela e cheia de simbolismo, se encontra em toda parte. No Brasil, de norte a sul, não há recanto onde não se encontre um altar, uma imagem em honra ao grande santo.

Todavia, muitas vezes vem envolta esta devoção em muita credice e superstição grosseira. Amarram-se as imagens do santo, fazem as tais correntes para tirar 13 cópias com ameaças de castigos a quem interrompe-las, etc...

Santo Antônio é bom protetor dos casamentos. Podem pedir ao santo um bom casamento. Haverá coisa mais séria e passo mais decisivo na vida que o matrimônio? É um grande sacramento da Igreja. Prepara-se o matrimônio no temor de Deus e na oração.

Os santos são amigos de Deus e nossos intercessores poderosos. Eles manifestam Deus e são modelos para nos guiar aos caminhos da vida eterna, pois ao consideramos a vida daqueles que seguiram fielmente a Cristo, somos incitados a buscar por novas motivações a cidade futura (Heb 13,14) e simultaneamente instruídos sobre o seguríssimo caminho pelo qual, entre as vicissitudes do mundo segundo o estado e condição de cada qual, podemos chegar à perfeita união com Cristo, ou seja, à Santidade.

Que Santo Antônio nos guie nos caminhos do amor de Deus e do próximo e nos afaste de todo o mal.

* ALFREDO BARBIERI, 88, 49/53, também ex-aluno de Pirapora (46/48), é um imortal da Academia Taubateana de Letras, poeta, escritor e professor universitário aposentado. Mora em Taubaté-SP – 12-3621.3381 alfredo_barbieri@hotmail.com

Texto publicado em Junho de 2006 em A Gazeta de Estiva, Taubaté-SP



José Gomes Pinheiro
OAB/SP 36.636

Advocacia Cível e Criminal

Rua Tabatinguera, 140 - 12º Andar - Cj. 1215

São Paulo/SP (Próximo ao Metrô Sé)

E-mail: jgpinheiro@aasp.org.br

Tel: (11) 3115-2733



Confraria Ibaté

XI Encontro - 2013

(Em pé) **José Ricardo Falcão** (64/67) - **Fernando Jorge Grave da Silva** (63/64) - **Antonio da Aparecida Simões Cucio**, *Sherlock* (67/68) - **Gilberto Gomes**, *Tigueis* (62/66) - **Alberto Alonso Casemiro** (63/64) - **José Pedro de Camargo Rodrigues de Souza**, *Xixa* (63/69) - **Isidoro da Silva Leite** (63/64) - **Antonio José de Almeida** (63/66) - **Francisco Ferreira de Almeida** (64/68) - **Lázaro Dirceu Mendes de Aguirre**, *Trovão* (63/69) - (abaixados) **Fausto Guimarães Fortes**, *Gigantinho*, (63/67) - **Luiz Guimarães Fortes Neto**, *Gigante* (61/64) - **Manoel Santiago da Silva Leite**, *Leco* (63/64) - **João Bosco Amstalden**, *Bosquinho* (61/64)



CASO EDIFICANTE



José Lui*

2.000 ANOS DEPOIS



Deus decide um dia mandar à terra um anjo para que faça uma reportagem sobre a situação dos homens depois de 2.000 anos.

O anjo faz aquilo que lhe foi ordenado e retorna ao Paraíso e começa a

mostrar a Deus os vários filmes que fez.

O primeiro é um filme sobre a África onde se vê o povo que procura arar as terras para o cultivo e as mulheres que andam quilômetros e quilômetros para buscar água.

Deus naquele momento pergunta:

- Mas, porque estão fazendo tudo isso?

E o anjo:

- Depois do pecado original o Senhor os condenou a trabalhar para viver e assim estão fazendo.

E Deus:

- Mas estão exagerando, eu estava brincando!

Depois o anjo mostrou outro filme onde se viam os pobres chineses imersos nos campos de arroz para garantir seu alimento.

Deus novamente pergunta:

- Mas o que estão fazendo?

E o anjo:

- Depois do pecado original o Senhor lhes disse que deviam trabalhar para viver, e assim o fazem.

- Estão exagerando, eu estava brincando!

Finalmente mostra o filme do Vaticano onde se vê prelados bem alimentados, passeando tranquilamente em carros luxuosos e naquele momento Deus pergunta:

- E estes, o que estão fazendo?

E o anjo responde:

- Estes entenderam muito bem que o Senhor estava brincando!

(*) José Lui, 82 (49/56) filósofo, teólogo, pé-de-valsas, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.05.2020	
POSIÇÃO EM 31.03.2020	4.385,31
ENTRADAS	
Contribuições e doações	860,00
Juros	20,90
TOTAL ENTRADAS	880,90
SAÍDAS	
Diagramação Echus 166	798,75
Despesas Bancárias	83,85
TOTAL SAÍDAS	882,60
SALDO ATUAL 31.05.2020	4.383,61
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 31.03.2020 a 31.05.2020, dos seguintes colegas: Antonio da Aparecida Simões Cuccio, Holien Gonçalves Bezerra, José Fernandes da Silva, Rocco Antonio Evangelista, Vicente de Paulo Moraes e Vladimir Merlo Garcia. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Minor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores Deste Número: Alfredo Barbieri, Antonio Aparecido Pereira, Côn., Antonio Carlos Correa, Antonio Jurandyr Amadi, Attilio Brunacci, Edson Cruz, Jaime Pina da Silveira, Joaquim Benedicto de Oliveira, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Moreira de Souza, Letterio Santoro, Luiz Loureiro, Otto Dana, Pe., Paulo Francisco Toschi e Valdevino Soares de Oliveira.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO (237), Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Antônio Carlos

Correa, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail: echusdoibate@gmail.com

- "Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br

- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br

- Comunidade IBATEANOS no Facebook

- Echus do Ibaté nas nuvens: Links <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate>

Diagramação: Conexão Propaganda

